

## HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: AS BRINCADEIRAS, BRINQUEDOS, MITOS, CANTIGAS, HISTÓRIAS E LENDAS RURAIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL<sup>1</sup>

### STORIES AND MEMORIES: THE GAMES, TOYS, MYTHS, SONGS, STORIES AND RURAL LEGENDS AS A RURAL CULTURAL HERITAGE

Leonardo Giovane Moreira GONÇALVES<sup>2</sup>  
Rosangela Custodio Cortez THOMAZ<sup>3</sup>

**Resumo:** Na era do tempo líquido os traços culturais se passam despercebidos, ausentes e muitas vezes insignificantes frente ao dinamismo cotidiano. Assim o presente artigo tem como intuito de reconstruir, evidenciar e disseminar as memórias sobre as brincadeiras, brinquedos, mitos, cantigas, histórias e lendas que vivenciaram seis assentadas do município de Rosana/SP. Para atingir tal objetivo, o presente trabalho utilizou-se de uma visitação *in loco* nos lotes das entrevistadas para a coleta das entrevistas, utilizando-se da metodologia de história oral e, assim, empregando os relatos transcritos na íntegra neste artigo. Também, com o intuito de aprofundar as discussões e análises, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória em livros, artigos, monografias e em *sites* que abordassem sobre a temática dos assuntos evocados pelas entrevistadas e que pudessem contextualizar o campo de pesquisa. Por meio disto, tornou-se possível evidenciar doze brincadeiras e brinquedos, cinco cantigas e brincadeiras de rodas e, cinco personagens lendários e reais que segundo os relatos das entrevistadas fizeram parte de sua infância e, por fim, possibilitou-se caracterizar o patrimônio cultural individual e coletivo dos assentamentos de reforma agrária do município que fará parte do futuro Museu do Assentado.

**Palavras-chave:** Brincadeiras; Cantigas; Histórias; Relatos Oraís; Assentamentos de Reforma Agrária.

**Abstract:** In the age of liquid time, cultural traits are unnoticed, absent and often insignificant in the face of everyday life. Therefore, the present paper has intention of reconstructing, highlighting and disseminating the memories about the games, toys, myths, songs, stories and legends that lived six assentadas of Rosana/SP. In order to achieve this objective, the present work used a visitation on site in the lands of respondents for the collection of interviews, using the oral history methodology as well using the transcribed reports in this article. Also, with the aim of deepening the discussions and analyses, used an exploratory bibliographical research in books, articles, and monographs and on sites that approached on the subject of the subjects evoked by the respondents and that could contextualize the field of this research. Through this, it became possible to demonstrate twelve games and toys, five songs and wheel games and, five characters legendary and real that according to the reports of the respondents were part of their childhood and, finally, it became possible to characterize the individual and collective cultural heritage of the land reform settlements of the city, that will belong to the future Museum of Assentado.

---

<sup>1</sup> Artigo faz parte das pesquisas de Iniciação Científica: “Patrimônio e lazeres turísticos: O Museu do Assentado no município de Rosana/SP” financiado pelo CNPq 2015/2016 e, “Turismo cultural rural: O Museu do Assentado no município de Rosana/SP” financiado pela FAPESP 2017/2018.

<sup>2</sup>Graduando em Turismo pela Universidade Estadual Paulista/UNESP, Campus de Rosana/SP. Técnico em Hospedagem pela Escola Técnica Estadual/ETEC, Atibaia/SP. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Turismo no Espaço Rural – GEPTER. leonardo.giovane@hotmail.com

<sup>3</sup>Pós-doutorado em Turismo pela Universidade de Santiago de Compostela/USC-Espanha, Doutora e Mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo/USP; Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista/UNESP; Professora Assistente Doutora do Curso de Turismo da UNESP, Campus de Rosana/SP e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UNESP de Presidente Prudente/SP. rosangela.thomaz@unesp.br

**Keywords:** Games; Songs; Stories; Oral reports; Agrarian reform settlements.

## Introdução

Localizado no extremo sudoeste do estado de São Paulo, o Pontal do Paranapanema é pertencente à região Alta Sorocabana, sendo delimitada pelos rios Paranapanema; fronteira com o estado do Paraná; e Paraná; fronteira com o estado do Mato Grosso do Sul. A atividade econômica predominante na região é a agropecuária, uma vez que sua estrutura fundiária está baseada em latifúndios locados em terras pertencentes ao Estado, que foram griladas outrora (THOMAZ, 2013, p.5).

A apropriação do Pontal foi marcada por inúmeros fatores desumanos e ilegais, como o extermínio dos indígenas, grilagem de terras, desmatamento, comercialização e ocupação de terras por pioneiros do oeste paulista. Um dos grandes grilos foi o da fazenda Pirapó - Santo Anastácio, tendo preceitos empresariais, culminando na origem de inúmeras outras fazendas (SOBREIRO FILHO, 2013, p. 52).

Monbeig (1984, apud SOBREIRO FILHO, 2013, p. 53) salienta que a marcha capitalista para o Oeste Paulista aconteceu em três etapas. A primeira tem origem de 1900 a 1905, embalada pela conjunta produção de café e a construção das estradas de ferro no estado de São Paulo.

A segunda etapa durou até meados de 1929, acometida pela crise econômica, sobretudo a crise do café no contexto mundial. Dessa forma a vinda de imigrantes, as migrações internas e o avanço das estradas de ferro se tornaram mais presentes nas zonas pioneiras. Dessa forma, como existiam inúmeras terras a Oeste do estado, várias ações pioneiras se formalizaram para explorar a nova área e incorporar esses espaços ainda não utilizados para o plantio e territorialização (SOBREIRO FILHO, 2013, p. 54).

Sobreiro Filho (2013, p. 93) ainda expõe que por conta dos inúmeros 'grilos' que ocorreram, em 21 de fevereiro de 1891, o Ministério da Agricultura foi favorável a alocação de colonos estrangeiros nas terras da Fazenda Pirapó - Santo Anastácio. Com isso intensificou a vinda de migrantes para a região, pois muitos consideraram que essa era uma terra devoluta. Dessa forma, aconteceu um processo de grilagem dentro de uma terra já grilada.

Não obstante, o surgimento das cidades se intensificou por volta de 1951, com a Estrada de Ferro Sorocabana que decide criar um ramal saindo de Presidente Prudente/SP até as barrancas do Rio Paraná (LEITE, 1998, p.95).

Segundo Leite (1998, p. 97) no ponto final dos trilhos a firma Camargo Correia decide fundar uma cidade. O município se denominaria Rosana, nome de uma das filhas de Sebastião Camargo, a cidade seria cercada por lotes rurais, chácaras, sítios e fazendas. No entanto, a estrada não foi finalizada até a atualidade.

É visto que os conflitos pela posse de terra sempre foram marcantes no Pontal do Paranapanema e só diminuíram com a construção das usinas hidrelétricas de Porto Primavera/SP, no rio Paraná, e, em Rosana/SP e Taquaruçu, no rio Paranapanema e a instalação da Destilaria de Álcool Acídia no município de Teodoro Sampaio/SP. (PAIÃO, 2001, p.40)

Segundo Paião (2001, p.39) após o termino das usinas hidrelétricas de Porto Primavera/SP, Rosana/SP e Taquaruçu, que geraram cerca de 30 mil empregos para região, muitos empregados foram demitidos. Diante disso, muitos trabalhadores continuaram na região sem perspectiva de trabalho, mas com o fechamento dos estabelecimentos e crise econômica, estes se viram obrigados a voltar para o campo.

Surge nesse período o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST, que começa a exercer forte pressão sobre o governo e nos fazendeiros, pelo fato das terras da

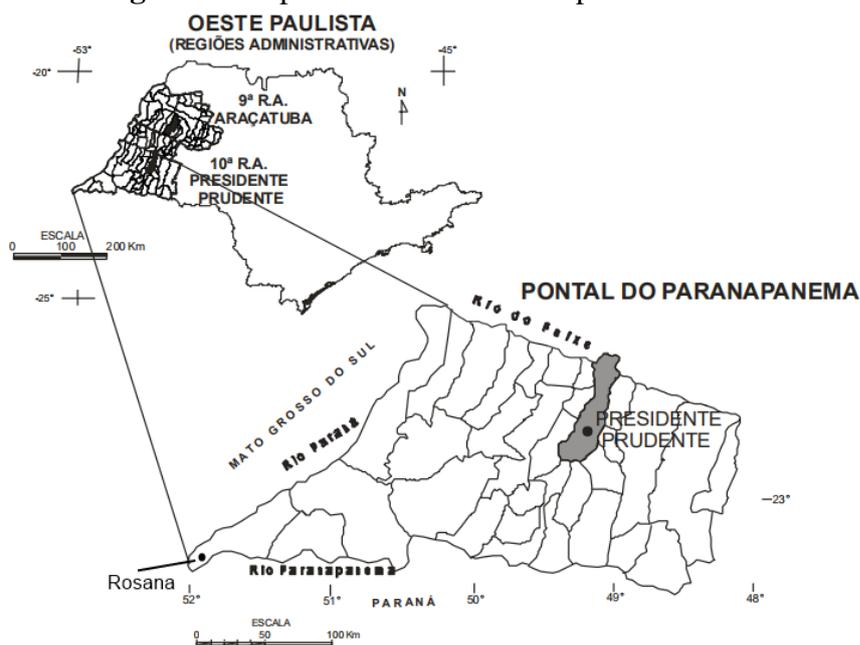
região serem devolutas e pertencem ao Estado, logo, deveriam sofrer o processo da reforma agrária (PAIÃO, 2001, p.40).

Em julho de 1990 o MST fez a sua primeira ocupação no Pontal, especificamente no município de Teodoro Sampaio/SP, iniciando assim, novamente, o quadro de luta por terras no oeste paulista (FERNANDES; RAMALHO, 2001). Diante da instabilidade social, econômica e pelas ocupações e conflitos, sendo a região do Paranapanema a mais pobre do estado de São Paulo, o governo em 1995 decide implantar o plano de ação governamental para o Pontal.

Segundo Pimentel (2005, p.125), em 2001 a região do Pontal possuía cerca de 88 assentamentos rurais, distribuídos em 16 municípios. Destes, Mirante do Paranapanema/SP era o que mais possuía assentamentos de reforma agrária, cerca de 33% do total.

Até meados de 2001 o município de Rosana/SP (Figura 1), que está localizado no extremo oeste do estado de São Paulo, fazendo divisa com os municípios de Euclides da Cunha Paulista/SP, Teodoro e Sampaio/SP e com os estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, possuía três assentamentos, sendo esses os assentamentos: Novo Pontal, Bonanza e Gleba XV de Novembro, com 717 famílias assentadas em uma área de 17240 hectares e, em 2008 foi instituído o assentamento de reforma agrária Porto Maria (FERNANDES; RAMALHO, 2001).

**Figura 1:** Mapa do Pontal do Paranapanema.



Fonte: BARONE, MELAZZO e SILVA, 2011 (adaptado).

Segundo o censo 2010, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população do município era de 19.691 habitantes, desses 80% estão na cidade, e atualmente com a implantação do assentamento de reforma agrária no Porto Maria, o município possui mais de 800 famílias de agricultores.

Dado os fatos históricos de constituição do Pontal do Paranapanema que foram triviais para a formação social, política e cultural de seus habitantes, o presente trabalho tem o intuito de explanar sobre parte dos relatos orais obtidos durante a vigência da Iniciação Científica: “Patrimônios e Lazers Turísticos: O Museu do Assentado no município de Rosana/SP”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq, 2015/2016, e, pela Iniciação Científica vigente: “Turismo Cultural Rural: O Museu do

Assentado no município de Rosana/SP”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP, 2017/2018.

Neste trabalho abordaremos as memórias sobre brincadeiras, brinquedos, cantigas, mitos, lendas e histórias que vivenciaram e relatam seis entrevistadas pertencentes a três assentamentos do município de Rosana/SP, com o intuito de reconstruir, evidenciar e disseminar seus traços e expressões culturais e, assim, caracterizar o patrimônio cultural rural dos assentamentos de reforma agrária do município.

## Metodologia

Utilizou-se para a realização deste trabalho visitas *in loco* ao lote das assentadas para que fosse possível a coleta dos relatos orais que abordaram os aspectos origem e trajetória de vida no êmulo coletivo e individual das entrevistadas. Situa-se que as entrevistas foram realizadas durante o período de vigência das iniciações científicas 2015/2016 e 2017/2018. Os relatos orais das entrevistadas foram gravados em um aparelho celular e, posteriormente transcritos na íntegra para servir como base biográfica neste trabalho.

Reafirma-se que existem quatro assentamentos no município de Rosana/SP e destes, tomamos como foco três assentamentos, são eles: Nova Pontal (entrevistadas: Helena Pino e Ana Santa); Bonanza (entrevistadas: Amerentina de Matos e Maria das Dores); Gleba XV de Novembro (entrevistadas: Eleonice Nascimento e Maria Jesus).

A metodologia de entrevista se faz presente no campo da história oral a qual “não é apenas uma técnica para coletar informações, mas uma metodologia de pesquisa que produz uma fonte especial, um meio para a produção de novos conhecimentos” (LANG, p. 73, 2013).

Quanto à elaboração do roteiro de entrevista, a mesma se dividia em cinco principais partes. Sendo a 1º ‘Trajetória de vida e origem’, a qual buscou percorrer em uma linha cronológica os fatos que ocorreram na vida das entrevistadas até a obtenção do lote, assim como de qual modo as mesmas cozinham, dormiam, viviam e faziam suas atividades cotidianas, seja no período do acampamento, ocupações e/ou em outras fases de suas vidas; a 2º denominada ‘Crescimento’, que teve a pretensão de obter informações sobre as lendas, mitos, histórias, brinquedos e brincadeiras que os entrevistados faziam uso no passado.

A 3º por sua vez, intitulada ‘Trabalho’, buscou relatos sobre os modos de trabalho dos pais e das entrevistadas, com o intuito de relacionar esses relatos com os anteriores e criar um perfil social das entrevistadas, bem como as suas relações com o trabalho, lazer, educação, militância e demais áreas.

Os ‘Aspectos Vivenciais’ que pertencem a 4º parte tiveram como intuito evocar memórias sobre o casamento e crescimento dos filhos, assim como escola, educação e diferenças culturais entre gerações e outros assuntos,

Já a 5º e última, intitula-se ‘História’, almejou realizar uma espécie de *overview* a partir dos relatos orais das entrevistadas, em outras palavras, as entrevistadas respondiam perguntas como: “Ao longo de sua trajetória de vida teve algo que te marcou? ”, pois assim, tornava-se possível identificar os pontos mais importantes após dezenas de minutos de entrevista.

A elaboração desse roteiro de entrevista teve como base o modelo de entrevistas e relatos expostos no livro “A voz do passado” (THOMPSON, 1992), mas que de acordo com o perfil das entrevistadas, objetivo da pesquisa e objeto de estudo, houve mudanças significativas na supressão e adição de perguntas e apontamentos diante do ‘roteiro modelo’ apresentado pelo autor no livro.

No entanto para a realização deste trabalho houve um recorte das entrevistas, ou seja, focou-se nos relatos orais referentes as brincadeiras, brinquedos, mitos, lendas, cantigas e histórias do período de infância e adolescência das assentadas. Além disso, para a elaboração deste artigo científico, obtendo como intuito de aprofundar as discussões dos resultados e gerar assim a análise reflexiva dos relatos orais, utilizou-se livros, artigos científicos, sites, monografias, documentos e outros materiais que versam sobre o turismo no espaço rural, patrimônio material e imaterial, memória, traços culturais e outros temas relacionados ao objeto de pesquisa.

### **O futuro Museu do Assentado: Uma proposta de implantação**

O intuito inicial das Iniciações Científicas: “Patrimônios e Lazeres Turísticos: O Museu do Assentado no município de Rosana/SP” e “Turismo Cultural Rural: O Museu do Assentado no município de Rosana/SP” parte da inventariação do possível acervo do Museu Assentado por meio dos relatos orais dos entrevistados, em outras palavras, a pesquisa busca inventariar quais são os traços culturais, inerentes à trajetória de vida e origem dos assentados que futuramente poderiam compor o Museu.

Basicamente, o pressuposto inicial é realizar um diagnóstico de quais são os elementos culturais a serem inventariados a partir da memória dos entrevistados desses assentamentos e, em um segundo momento, partindo da catalogação das fotos, objetos, móveis, relatos orais, documentos e outros elementos e com o auxílio de entidades competentes no âmbito da museologia, findar a implantação do Museu.

Assim, como uma iniciativa pioneira, o projeto em todas as suas fases, bem como inventariação, implantação e gestão do espaço museal, estrutura-se em quatro eixos vitais: a reconstrução dos traços tradicionais, a preservação, a disseminação cultural e, por fim, utilizando-se da educação patrimonial, por meio do turismo, objetiva-se a desmistificação dos traços culturais.

De cunho coletivo, o acervo do futuro Museu está sendo criado com o apoio dos próprios assentados que contam suas histórias, doam objetos, fotos e outros elementos que um dia fizeram-se presentes em sua trajetória de vida e origem. Assim, com a construção coletiva e futuramente uma gestão comunitária, objetiva-se a instauração de um espaço de reconhecimento e pertencimento, no qual os assentados possam ver a história e se identificar como atores protagonistas de algo maior.

Portanto, são essas inúmeras identidades individuais, que desde já, configuram a coletividade que será o futuro Museu do Assentado, um museu que não será restrito somente a um espaço com objetos e fotos, mas sim será um espaço de evocação da memória, de educação patrimonial e especialmente, um espaço que marca a luta pela posse da terra no Pontal do Paranapanema, assim como dos demais movimentos sociais agrários deste país.

### **Assentamentos de Reforma Agrária: Gleba XV de Novembro, Nova Pontal e Bonanza**

Conforme mencionado anteriormente, o município de Rosana/SP possui quatro assentamentos, sendo eles: Gleba XV de Novembro, Porto Maria, Nova Pontal e Bonanza. Ressalta-se que cada assentamento possui suas peculiaridades de formação e semelhanças na caracterização socioeconômica e cultural.

O assentamento Gleba XV de Novembro surge em decorrência da finalização das obras nas usinas hidrelétricas que estavam sendo construídas em Rosana/SP e em

Sandovalina/SP que já haviam gerado cerca de 30 mil empregos e desapropriado quilômetros de terras na região (IOKOI, et al, 2005, p. 80). Por conta dessa instabilidade econômica, política e social:

No dia 15 de Novembro de 1983, cerca de 800 trabalhadores, vindos em sua maioria dos municípios de Rosana, Euclides da Cunha Paulista, Teodoro Sampaio, Mirante do Paranapanema, e de outros municípios de São Paulo e do Paraná, realizaram a primeira ocupação organizada de terras no Pontal do Paranapanema: entraram nas fazendas Tucano e Rosanela, localizadas em Teodoro Sampaio, reivindicando sua desapropriação para que lá pudessem plantar e viver (IOKOI, et al, 2005, p. 80).

Após essa ocupação os trabalhadores retiraram seus barracos das fazendas e montaram um novo acampamento que durou cerca de seis meses nas margens da Rodovia Arlindo Bétio, SP 613, entre os quilômetros 23 e 29. Por fim, por meio do Decreto n. 22.034 de 1984 o governo de Franco Montoro desapropria uma faixa de terra que cortava 17 fazendas, totalizando 15.000 hectares, para instituir o primeiro assentamento do estado de São Paulo após o período do Governo Militar, beneficiando assim, cerca de 500 famílias (IOKOI, et al, 2005, p. 80).

O assentamento Nova Pontal, por sua vez, possui suas origens na Fazenda Nova Pontal antiga propriedade da Timboril Agropecuária Ltda. A fazenda detinha uma área de 2.786,90 hectares de terras, margeadas pela rodovia de ligação entre Primavera/SP ao Paraná, via Diamante do Norte/PR e, ao sul pelo rio Paranapanema (CRUZ, 2008).

Fazendo uso de meios legais os antigos proprietários das terras concederam a posse da fazenda ao Estado em setembro de 1998. Em novembro do mesmo ano, a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo - ITESP promoveu uma assembleia com as 122 famílias apontadas para ocupar as terras (CARNEIRO, 2007).

No caso do assentamento Nova Pontal as dificuldades referentes no período de acampamento e ocupações foram diminutas frente as adversidades encontradas nos primeiros anos de acampamento (GONÇALVES; THOMAZ, 2017, p.148). Pois as famílias não dispunham infraestrutura local, bem como: água canalizada, estradas, energia elétrica, meios de transportes, postos de saúde, instituições de ensinos entre outros serviços (CARNEIRO, 2007).

Por fim, o assentamento Bonanza, instituído em novembro de 1998, possui 31 famílias assentadas em uma área total de 574,79 hectares (ITESP, 2018). Insere-se que sobre este assentamento não foram encontradas referências bibliográficas que auxiliassem no entendimento de sua concepção, no entanto, em entrevista, o técnico agrícola do ITESP, Sandro Luiz de Oliveira, responsável pelo assentamento, mencionou que:

*Bonanza [...] é um final de lista do movimento social, no caso movimento sem-terra, que no ano de 1995 acamparam no 1º de abril, próximo a Usina Hidroelétrica de Taquaruçu, a qual, essas pessoas que hoje estão na Bonanza [...]. Essas pessoas que estavam lá eram 30 famílias, essas 30 famílias eram pessoas, de mais de 50 anos de idade, o que aconteceu, foram ficando para trás. Por quê? Não preenchem os requisitos de exploração da terra, aqueles requisitos feitos pelo Estatuto da Terra e seguido por nós do ITESP. Aí assentaram todo o pessoal [...] (OLIVEIRA, 2016).*

Os três assentamentos mencionados, sendo seus moradores protagonistas deste artigo, possuem uma constituição diversificada. Em síntese, existem cinco grupos que compõem esses assentamentos: os militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST; os

militantes do Movimento dos Agricultores Sem Terra - MAST; os ex-funcionários das antigas fazendas que passaram pelo processo de reforma agrária; O Grupo de Sindicalistas de Primavera/SP; E por fim, os que compraram a benfeitoria da terra, os quais nomeamos de “amantes da terra” (CARNEIRO, 2007).

Neste êmulo, insere-se inicialmente a concepção da heterogeneidade social e cultural existente nos assentamentos, assim como as distinções ideológicas existentes entre militantes do MST, Sindicalistas e do MAST em contraponto as ideologias dos ex-funcionários das fazendas e aos “amantes da terra”. Essas diferenciações iniciais, por si só, são elementos plausíveis de serem analisados do ponto de vista dos traços culturais existentes em cada um dos grupos, bem como as concepções políticas, hábitos, costumes e ações.

Outro ponto a ser elencado no eixo da heterogeneidade cultural versa sobre a trajetória de vida e origem dos assentados, pois as famílias que compõe os assentamentos, em sua maioria, não são residentes de Rosana/SP, ou seja, são provenientes de outras regiões do país. Assim, observa-se a pluralidade dos traços culturais e políticos que se manifestam em um mesmo espaço.

### **O evocar de brincadeiras e brinquedos**

A infância, sem sombra de dúvidas, tem um papel essencial na formação cultural dos indivíduos e, suas vivências, mesmo que por algumas vezes interpretadas como resquícios da memória atuam no desenvolvimento pessoal. Quando se menciona o papel de brincadeiras e brinquedos Araújo afirma que:

[...] hoje quando se fala em jogo, é para designar essa poderosa e salutar arma educativa, uma das mais completas formas de preparação para a vida real, um dos melhores meios para a formação do caráter integral da criança, do adolescente, enfim do educando. Entretanto, o jogo não é privilégio da criança. Os adultos também jogam. Jogam para retemperar as energias (ARAÚJO, 2004, p. 399).

As brincadeiras e brinquedos também atuam de distintas formas na formação social das crianças. Silva e Gonçalves (2010, p. 62) elencam que “a introdução dos jogos e das brincadeiras na vida das crianças trouxe a possibilidade de interação entre elas, comunicando-se pela expressão verbal e não-verbal”.

Ao evidenciar o papel social das brincadeiras e brinquedos faz-se necessário evidenciar as diferenças entre estes dois elementos do território do brincar. Segundo Araújo:

[...] brinquedos são aqueles que não há disputa, brinca-se por brincar, joga-se por jogar: brincar com boneca, perna-de-pau, catavento, papagaio, peteca, passar o filipe, quebra-pote etc. [...]. Brincos (ou brincadeira) seriam aqueles jogos em que há disputa, provocam o desejo de ganhar, de vencer: bolinha de gude, jogo da castanha ou pinhão ou fava, futebol de meia linha, acusado, unha-na-mula [...] (ARAÚJO, 2004, p. 400).

A citação auxilia no entendimento de que os brinquedos podem ser concebidos pela lógica individual, na qual não é necessária uma interação entre os indivíduos para que se ocorra o brincar. Por outro lado, as brincadeiras promovem a interação social, estimula a competitividade, cooperação, disciplina e a imaginação dos jogadores. Assim, pode-se entender, que o brincar estimula o progresso social e coletivo dos brincantes.

Uiran, sobre o objetivo e importância das brincadeiras e brinquedos menciona que o brincar é a “capacidade de criar e imaginar, do que não pode ser medido, controlado ou previsível, da liberdade do sujeito de viver as suas aventuras rumo ao desconhecido [...]” (SILVA, *et al*, 2014, p. 39). Já Vygotsky afirma que:

[...] o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (VYGOTSKY, 1988, p.35).

Por conta do papel trivial das brincadeiras e brinquedos, tanto na formação social dos indivíduos quanto na formação cultural, perguntou-se a senhora Helena Pino, nascida em 1959 em Ibiassucê/BA, se a entrevistada brincou em sua infância, segundo a mesma:

*[...], mas a gente brincava muito, a gente tinha a inteligência, era bem, bem aguçada assim, meu irmão fazia **carrinho com latinha**, a gente fazia **boneca com espiga de milho**, foi uma infância! Tomava banho na chuva, e a gente tinha um tambor, a gente entrava dentro e ficava rolando dentro do tambor, e não sei te explicar nos entrava dentro de um pneu e o pneu soltava e o pneu ia rodando até cair, agora me pergunta como a gente entrava nesse pneu? (PINO, 2017, grifo nosso).*

Por meio desse relato é possível identificar a menção inicial de dois brinquedos o “carrinho com latinha” e a “boneca com espiga de milho”. Em especial, a boneca de espiga de milho aparece em outros relatos, Ana Santa, nascida em Buíque/PE em 1951 evocou que “*meu avô, isso aí eu acho uma parte interessante disso, porque ele plantava a roça, aí perto de casa ele plantava os milhos, esses milhos é seu! Por que? Pra mim não ir colher as bonecas lá, que aquelas bonecas aqui, era pra mim brincar*” (LIMA, 2017).

Sobre a confecção da boneca de espiga de milho Helena mencionou que “*era de milho o cabelo né? Ai sempre pano velho né, que não se usava mais, aí enrolava que era as nossas boneca. Disse aí eu tenho lembrança, que ai meu irmão já não podia brincar*” (PINO, 2017). Maria das Dores nascida em 1966, em Dracena/SP sobre seus brinquedos e a confecção de sua boneca elucidou que:

*É os brinquedos, era assim, não existia esse negócio de brinquedo igual tem hoje, **nossos brinquedos era tudo a gente mesmo que fazia a minhas bonecas eu fazia era de milho de cabelo de milho sabe? Assim, pegava é a espiguinha de milho e ali era uma bonequinha né, mas foi muito pouco** (BARBOSA, 2016, grifo nosso).*

Por meio das memórias é possível observar a confecção manual das bonecas de milho que em sua maioria eram feitas pelas crianças ou pelos seus pais, mas em poucos casos, havia a compra do brinquedo industrial.

Os materiais utilizados na confecção dos brinquedos das entrevistadas são objetos do dia a dia, como retalhos de panos, paus, pedras, frutas, vegetais, cereais, argila, linha, tecidos e outros. Sobre o uso do milho na confecção de brinquedos Amado explica que:

O milho, por onde quer que ele se semeie, deu origem a muitas tradições lúdicas; a sua cana, as suas folhas e as suas espigas, por todo o mundo foram materiais aproveitados para a produção de variados brinquedos simples. Conhecem-se bonecas feitas a partir de espigas e (ou) da capa de palha que

as envolve, são justamente célebres e frequentemente citadas as realizadas por crianças mexicanas e que remontam a tradições pré-colombianas (AMADO, 2007, p. 74).

Como descrito no trecho supracitado a utilização do milho nas brincadeiras é algo presente em diversos lugares do mundo e também, se pode inserir, que não há relatos bibliográficos da origem do uso do cereal em brincadeiras, assim supõe-se que o milho foi inserido no universo do brincar por conta das necessidades e disponibilidades cotidianas e pelo imaginário criativo do povo.

Maria Jesus, natural da cidade de Novo Exu/PE, memorou que não teve uma boneca de sabugo de milho, mas fazia seus próprios brinquedos, segundo a entrevistada o processo de criação de suas bonecas era fazendo:

*[...] as cabeça delas, fazia os bracinho as pernas, o corpo, cabelo, cabelo nós ponhava de pano, desfiava assim um pedaço de pano, pregava ao redor da cabeça, que era o cabelo, é, **não tinha jeito de comprar boneca**, porque ali, essa coisa aí era para filho de papai, nesse tempo, nos pobrezinho coitado, não tinha como ter nada não, tinha vontade de possuir mais não tinha jeito (SILVA, 2016, grifo nosso).*

O relato da entrevistada auxilia na ampliação dos elementos que compõe o patrimônio cultural dos assentamentos de reforma agrária, pois, a boneca de pano, mesmo que não apareça frequentemente nos relatos orais das entrevistadas, se fez presente em algum momento da trajetória de vida das mesmas. Assim como a boneca de sabugo de milho, as bonecas de pano também eram confeccionadas artesanalmente pelos pais e filhos e se tornavam parte dos saberes e fazeres dessas comunidades.

A memória de Maria Jesus também traz as diferenças dos brinquedos de ricos e pobres, neste caso exemplificado pelas bonecas de pano e milho dos mais humildes e as bonecas industrializadas dos que possuíam recursos financeiros para custear a compra. O fato se torna interessante porque as entrevistadas já diagnosticavam essas diferenças durante o período da infância, ou seja, mesmo na infância já existia um inferiorizarão e uma segmentação das classes sociais promovida pelos brinquedos artesanais em detrimento dos industriais.

Barcelos (2016) elenca que outrora as crianças da Campanha Gaúcha não possuíam condições financeiras para comprar seus brinquedos e, assim, as mesmas utilizavam sua imaginação para criar seus brinquedos, realidade também diagnosticada por meio das falas das entrevistadas. Assim as bonecas de pano:

*[...] era comum entre os brinquedos das meninas. Elas utilizavam de vários retalhos de tecidos e outros materiais para montá-las. Geralmente seu corpo era feito de sobras de pano branco, com enchimento de retalhos. Cabelos com fios de lã, olhos bordados com linha verde, boca em formato de coração, bochechas rosadas, sobancelha preta, pulseira de lantejola, brincos e colar da mesma cor. O vestido era feito de recortes de tecidos com desenhos de flores, renda branca na gola e na barra. Sapato branco com detalhes verdes (BARCELOS, 2016).*

A diferença entre os relatos de Barcelos e o evidenciado pelas entrevistadas é que os materiais que compunham as bonecas de pano nem sempre eram os mais nobres, mas sim, restos de botões, retalhos, lãs de diferentes cores e outros itens corriqueiros do ambiente rural, segundo as entrevistadas.

Ana Santa elucidou mais outros dois tipos de bonecas que fizeram parte de sua infância, segundo a entrevistada:

*E eu lembro que eu tinha uma boneca, naquele tempo eu tinha umas bonecas de massa, e eu esqueci na chuva, derreteu, derreteu a minha boneca! Ai depois eu ganhei uma outra boneca, já era aquelas de louça que fala né! Hoje é tudo de borracha, nada quebra, nada estraga uma beleza, as naquela época a gente tinha esses cuidados [...] (LIMA, 2017, grifo nosso).*

A portadora da memória menciona a Boneca de Massa e a Boneca de Louça, em uma ampliação do conceito de brinquedos de ricos e pobres que abordamos anteriormente. De fato, a infância de Ana não foi tão dificultosa quanto a infância das outras entrevistadas, o que configura em um patrimônio cultural relativamente diferenciado das demais, mas que sem sombra de dúvidas, os seus traços culturais individuais são assimilados pelo coletivo e entendidos como elementares para caracterização cultural dos assentamentos de Rosana/SP como um todo.

Sobre o uso de bonecas na infância, principalmente de indivíduos do gênero feminino, Freitas (2001) enfatiza que a brincadeira de boneca pode ser entendida com uma atividade lúdica simples, pois pode ser improvisada com materiais, bem como sabugo de milho, tecidos e outros. Além disso, durante a brincadeira com a boneca a menina personifica o brinquedo, ou seja, ensina, cuida e educa o objeto como se fosse um filho (a).

Helena relata que passou parte da sua infância na cidade de Selvíria/MS e que se lembra de inúmeras brincadeiras e brinquedos desse período, segundo a entrevistada foi na cidade que a mesma aprendeu a andar de bicicleta e suas brincadeiras eram: “*pé na bunda um dois três, balança caixão, balança você, dá um, um, tapa na bunda e vai se esconder, é bets, queimada, todas essas brincadeiras é com meus irmãos [...]*” (PINO, 2017, grifo nosso).

A entrevistada evoca a brincadeira Balança Caixão que segundo o portal Folclore (2013) possui uma apreciação maior no centro-oeste brasileiro, região essa onde se encontrava Helena. Insere-se que não foi encontrado registros bibliográficos que marcam a origem da brincadeira, no entanto, observou-se que há uma variação dos personagens dessa brincadeira, em outras palavras, em algumas fontes a figura de destaque encenada é uma “vovó” (FOLHA, 2011) e em outras há encenação de um rei e seus servos (MARAGON, 2007), mas em ambas as encenações a estrutura da brincadeira não sofre alterações.

Outra brincadeira revivida é o bets, também conhecido como taco, sendo uma brincadeira originada na Islândia que necessita de poucos materiais, basicamente uma bolinha de borracha, um par de tacos de madeira e duas casinhas feitas de madeira ou gravetos. Na prática duas duplas devem compor o jogo e se revezam na troca da bola e do taco, sendo que só marcam pontos aqueles que possuem a posse do taco. No entanto o jogo possui inúmeras regras e variações conforme a região (SILVA; GONÇALVES, 2010, p. 73).

Sobre a confecção da bola para jogar bets, Helena relembrou que era:

*Meia né! Tipo assim, pegava, pegava um monte de pano velho e aí ia fazendo aquela bolinha, aí no fim uma meia. Lógico que tipo assim, não prestasse, mas aí corta ela e amarra aqui, amarra do outro lado e faz a bolinha de bets, que é essa bola. Isso é o meu irmão que fazia, né (PINO, 2016).*

Para a entrevistada Maria das Dores as brincadeiras de sua infância eram brincar de “bola, de **biroca**, nos brincava muito de **peteca**, né só que aí, já era assim, já era a tardezinha

*anoitecendo, já era os mais adultos também, que era brincadeira de peteca muito, aí eu brinquei muito de peteca”* (BARBOSA, 2016, grifo nosso).

A biroca mencionada pela entrevistada possui inúmeros outros sinônimos, como por exemplo: fubeca, bolinha de gude, bolinha de aço, bolinha de vidro, boleba, bila, bulgalho, bolitas, burca e etc (GONÇALVES; THOMAZ, 2016, p. 138-139).

Gaspar e Barbosa afirmam que esse brinquedo é mais conhecido como bola de gude e sendo esse “um jogo muito antigo, conhecido desde as civilizações grega e romana. O nome ‘gude’ tem origem na palavra ‘gode’, do provençal, que significa ‘pedrinha redonda e lisa” (GASPAR; BARBOSA, 2009). O jogo foi trazido ao Brasil pelos portugueses durante a colonização e se espalhou pelo interior do país estando presente em quase todas as localidades (MOTOMURA, 2002).

Sobre a peteca, Maria das Dores se recordou que o brinquedo era feito em sua casa, segundo ela:

*[...] era minha mãe que fazia, ela pegava um, tinha que ser uma napa, aí se enchia de algodão, de alguma coisa assim, fazia um enchimento, pegava umas penas, era redonda, enfiava as penas assim, depois amarrava bem apertadinho, e aí a gente pnhava assim e batia, pá, um pro outro, tipo jogar vôlei de hoje em dia né, porque é com a bola um jogando para o outro, nos era peteca*(BARBOSA, 2016).

A entrevistada explicou que as napas mencionadas são as “napas de sofá”, que é um tecido de revestimento sintético que simula o couro. Segundo Monteiro a origem da peteca pertence a cultura indígena e no passado era “uma trouxinha feita de folhas com pedrinhas dentro, era amarrada a uma espiga de milho, jogada para o alto e rebatida pelos jogadores” (MONTEIRO, 2012, p. 6). Atzingen (2001, p. 146-147) disserta que “quando os portugueses chegaram no Brasil, viram os índios brincando com uma trouxinha de folhas cheias de pedras, amarrada a uma espiga de milho, que chamavam de Pe'teka, que em tupi significa bater”. Alguns autores também mencionam que a peteca já era jogada em outros países ao redor do mundo e, que sua origem não é comprovada.

Assim como a peteca, outros brinquedos eram criados com os materiais que existiam no campo, Helena recordou que:

*[...] não tem lata de peixinho? É de sardinha? Aí abria tirava, aí meu irmão pegava uma madeira fazia rodinha, aí fazia, porque nessa época não ganhava presente ainda, eles, não ganhavam né, aí fazia as rodinhas, a gente pegava maxixe colocava fósforo, porque não tinha palito, a gente não tinha, ou pauzinho, fazia os pezinhos com o maxixe, alguma coisa que parecesse um animal. Entendeu? Mas geralmente era o maxixe, porque dava na roça né, e a boneca de milho* (PINO, 2017, grifo nosso).

Helena relatou que o maxixe era utilizado em quase todos os brinquedos que faziam menção aos animais do campo, segundo a entrevistada “[...] o maxixe não é assim um porco? Ai a gente colocava esses pauzinho, porque eu acho que nem fósforo a gente né, ia usar, só se for usado, né poderia, mas novo não, aí faz dois pezinhos na frente e dois atrás, aí fica um bichinho [...]” (PINO, 2017).

A infância de uma forma geral é marcada pelo florescimento da imaginação e da criatividade, todos os objetos se tornam em brinquedos, todas as situações se tornam brincadeiras e todos os momentos são oportunidades para se divertir. A infância, rural, por sua vez, é marcada pelas brincadeiras entre os familiares, primos, pais, irmãos, tios e tias, é caracterizado também pelo o uso dos produtos da roça, das histórias em volta da fogueira e da

liberdade de brincar sem se importar com o panorama violento sofrido nos grandes centros urbanos.

No entanto, as circunstâncias que privam o brincar no rural são, por muitas vezes, diferenciadas do meio urbano. Amerentina de Matos, nascida em 1942 em Valente/BA, elucidou que não brincou porque “[...] não tinha jeito de brincar não, aí depois que a gente, dos cinco anos para frente aí meu pai já levava nois para roça, para carpir né, e a gente fazia tudo isso” (MATOS, 2016). Para explicar o motivo de trabalhar aos cinco anos de idade a entrevistada disse que:

*[...] sei lá o povo do Norte não tem essa coisa, [...] o pai prefere pôr para trabalhar, é que agora, como é que diz, agora não pode né, mas que nem antigamente ninguém esquentava a cabeça com moleque não, a gente ia para roça, carpia (MATOS, 2016).*

Mesmo tendo que trabalhar desde pequena, Amerentina lembrou que em seus curtos momentos de lazer brincava com seus outros cinco irmãos de telefone sem fio, segundo ela “[...] nois fazia assim um cordão com uma caixa de fósforo né, um ficava de lá outro ficava de cá” (MATOS, 2016). Sobre o trabalho na infância, Eleonice Nascimento, nascida em 1960 e natural de Cuiabá Paulista/SP, mencionou que começou a trabalhar com sete anos de idade e que o trabalho também influenciava no seu aprendizado escolar, segundo a mesma “só ia estudar quando acabava a colheita de algodão. Ai a gente ia estudar, mas se tivesse uma semana de colheita de amendoim nois perdia a semana inteira” (NASCIMENTO, 2016).

Maria das Dores, mencionou que brincou em sua infância, mas que concomitante ao tempo dos brincos a entrevistada também trabalhou, segundo ela:

*Eu comecei a ajudar meus pais assim, com sete anos, né, a gente traba... A gente estudava de manhã, inclusive a gente andava doze quilômetros a pé todo dia pra ir e voltar, doze pra ir, doze para voltar para estudar e a parte da tarde o meu pai mais a minha mãe plantou uma arroz então você ficava tocando os passarinhos, sabe assim, eu brinquei, mas foi muito pouco (BARBOSA, 2016).*

A realidade exposta pelas entrevistadas não difere de inúmeras outras infâncias existentes neste país. Antes da Constituição Federal (1988) e do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990), era comum a utilização de mão de obra infantil para a realização de serviços que não requeriam qualificação profissional em função do baixo custo dessa mão de obra e da necessidade das famílias carentes em expandirem as suas fontes de renda (TAVARES, 2001).

No entanto, o uso atual da mão de obra infantil não é algo visualizado frequentemente no meio urbano, mas não podemos afirmar sobre o panorama vivenciado no meio rural, uma vez que este carece de fiscalização.

Anteriormente, no início desta sessão, abordamos a importância das brincadeiras e brinquedos na formação social, política e cultural na vida de crianças e jovens e enfatizamos que a ausência desse tempo do brincar pode ocasionar em marcas na memória que impedem a interpretação da importância do ato de brincar nas futuras gerações e, na formação dos indivíduos que cresceram em ambientes laborais.

Huizinga (2005, p. 7) enfatiza o conceito supracitado ao afirmar que “é no mito e no culto que têm origem as grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primitivo do jogo”.

## Lendas, mitos e histórias

Assim como os brinquedos e brincadeiras as superstições, lendas, mitos, cantigas e histórias se fazem presentes nas infâncias de inúmeros moradores do meio rural. Helena, quando questionada se lembrava de alguma lenda ou história de sua infância que seus pais lhe contavam mencionou que:

*O Lobisomem né, que ela conheceu a pessoa [...]. Eles conheceram um homem, tipo assim, nascia 7 filhos, o 7 tinha que batizar o ultimo, 7 homens, não tem nem uma mulher no meio, o sétimo, o primeiro tinha que batizar, se não batizasse ele viraria o Lobisomem. Diz que eles conheciam o homem. Duas histórias, a mulher foi com as crianças e, ela tinha uma manta que ela cobria e não tinha carro naquela época eles foram, até embora de um sítio pro outro. A noite ele pegou e falou para mulher ir andando e ele ficou pra trás, ai diz assim, que tinha uma porteira e veio aquele bicho [...]. Aí veio aquela coisa para pegar ela e a criança né, e ela batia com aquele pano, alguma manta que ela tinha, até está, foi aquele horror tudo, aí no outro dia ela viu nos dente fiapo da coisa que ela batia assim, para ir embora, e a outra, desse outro homem, é que, eu não sei se ele comeu leitão, alguma coisa, e no outro dia ele vomitou e todo mundo sabia dessa história né, que ele virava né [...]* (PINO, 2017).

A entrevistada também mencionou que antigamente passou a infância e a adolescência acreditando no mito do Lobisomem e que na atualidade não acredita com a mesma veemência, mas mesmo assim evocou que “[...] até hoje se falar a gente morre de medo de cachorro quando começa, você já viu cachorro uivar em sítio? Começa lá, vem pra cá, e é uma coisa que não tem explicação também” (PINO, 2017).

O mito do Lobisomem está presente nas memórias das comunidades antigas e tradicionais. O Lobisomem é um personagem pertencente ao folclore brasileiro o qual afirma Horta (2004, p.4) que o fenômeno folclórico “é tradicional, seguindo sua trajetória de incorporações ao saber do povo, a tal ponto, de ser considerado por este mesmo povo essencial a sua própria realidade”.

As histórias do Lobisomem possuem inúmeras origens e o registro mais antigo feito desse mito provem da Grécia, segundo Lima (2004, p. 31):

Na Grécia, o rei Licaon tentou matar Zeus. Em outra lenda, Licaon fez um sacrifício humano e a ira divina recaiu sobre ele. Ou Licaon serviu a Zeus carne humana. Ou ainda Licaon sacrificou ao deus o seu próprio filho. Em todas essas lendas, o final é o mesmo. O rei foi transformado para sempre em lobo, como castigo. Mas se não se alimentasse de carne humana por dez anos, recuperaria o aspecto de homem.

A chegada do mito no Brasil remonta a época da colonização do país, mas apesar de certa similaridade entre o mito no Brasil, é inexistente um consenso sobre a verdadeira história de transformação e vida do lobisomem. Contudo, a concepção frequentemente abordada pela linguagem popular diz que o Lobisomem:

[...] é o filho mais moço de uma série de sete homens. Para livrar-se do fadário deve, segundo alguns informantes, ser batizado pelo irmão mais velho e, segundo outros, pelo irmão do meio, isto é, o quarto. Mais tarde deverá ser padrinho de crisma do irmão que o batizou, para confirmar [...] (LIMA, 2004, p. 23).

Sem sombra de dúvidas as histórias do Lobisomem sofrem alterações de regiões para regiões, assim como os nomes das brincadeiras e brinquedos mencionados anteriormente. O fato dessas alterações ocorrerem se deve a oralidade e a subjetividade interpretativa humana, os indivíduos aprendem as histórias durante sua infância e se tornam livres para suprimir e adicionar trechos que mais lhe agradam para passar à próxima geração. Pois conforme menciona Lang:

O entrevistado, em sua fala, recorre à memória e reconstrói o passado com os valores do presente e com as experiências vivenciadas. Sua narrativa pode conter esquecimentos e omissões deliberadas ou não. O entrevistado tem uma imagem de si e opiniões que quer transmitir (LANG, 2013, p. 74).

Continuando os mitos e lendas evocados, Helena completou que conhece e acredita na lenda da Caipora, segundo a entrevistada:

*[...] A pessoa vai lá e põe fumo né, aí pedia licença para caipora, isso, de caipora até hoje existe, existe! Ai, Santana ouve de madrugada, parece que ela assobia [...] aí o homem não tinha o fumo falou: - Ah Caipora, o que sô! Vai querer fumo? E foi caçar. Isso eu já ouvi aqui, em Primavera, um amigo nosso que até mora em Rosana, e ele foi caçar em Lagoa. Menino, diz que o cachorro dele ganhou uma surra, tocava de bode, canhanham, canhanham, e apanhou mas apanhou bastante mesmo (PINO, 2017).*

A lenda da caipora foi eternizada na televisão e está presente em todo território nacional. A Caipora é uma lenda brasileira de origem indígena e, segundo a crença popular, a Caipora auxilia os viajantes a não se perderem nas matas, uma vez que esses ofertam fumo ao lendário protetor e guia nas florestas (SOUSA; SANTOS, 2006, p.5).

Sobre a manifestação e interpretação da lenda em diferentes partes do território brasileiro, Santos afirma que:

Caipora ou caipora é o gênio protetor dos animais da floresta [...]. No Norte e no Nordeste o gênio é do sexo feminino e aparece sob forma de uma índia pequena e forte, doida por fumo e aguardente. Em outras regiões do Brasil, é um caboclo baixo e reforçado, coberto de pelos, que surge montado num porco do mato ou caititu. No Sul, o caipora é um homem peludo e agigantado (SANTOS, 1994, p. 55).

Certamente a lenda da Caipora está frequentemente presente nas memórias das comunidades rurais, pois, a manifestação da lenda se dá nas matas e seus arredores. A ligação com o meio rural também decorre do fato da relação do homem com o território que busca interpreta-lo, cria suas regras, costumes e meios de sobrevivência de acordo com o meio a qual habita.

Canclini (1982, p.30) menciona que “a cultura não apenas representa a sociedade, cumpre também, dentro da necessidade de produção de sentido, a função de (re)elaborar as estruturas sociais e imaginar outras novas e multiformes manifestações da cultura popular”. Portanto, é no criar um sentido e elaborar as estruturas sociais que podemos dissertar que ao conhecer a cultura de um povo é entender o cotidiano dessas comunidades e, ao entender seu cotidiano se entende sua cultura, concomitantemente.

Um exemplo do meio geográfico influenciando os hábitos culturais de um povo são as histórias aprendidas pela entrevistada Ana Santa. Segundo a entrevistada seu avô lhe contava

histórias do Lampião porque sua avó possuía um irmão que era do bando do cangaceiro, segundo Ana: “[...] *então contava muito, à noite, assim, sentava e ficava conversando, contando aqueles casos, aquelas coisas horríveis do Lampião, que mesmo a minha vó tendo irmão com eles, quando eles chegava não tinha disso! Eles desconheciam as famílias [...]*” (LIMA, 2017).

As histórias de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, natural de Serra Talhada/PE, estão presentes em inúmeros volumes da literatura nacional, segundo Gomes, Hackmayer e Primo (2007, p. 16) “tido por muitos como um justiceiro social e por outros como um bandido que matava a sangue frio, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, foi o cangaceiro que mais acendeu a imaginação popular [...]”. A trajetória de vida de Virgulino inicia-se no nordeste brasileiro em 1897 e chega ao fim em 1938, segundo os autores acima o cangaço de Lampião se inicia com:

A grande seca de 1877 é o pano de fundo para o surgimento do Cangaço. A seca arrasou o Nordeste, criou uma massa de flagelados, além de tumultos em várias regiões: vilas eram invadidas e os saques eram freqüentes. O banditismo se revelou uma revolta espontânea contra a situação social. Assaltos a fazendas, seqüestros e grandes roubos a comboios e armazéns faziam parte deste cenário (GOMES; HACMAYER; PRIMO, 2007, p.17).

Ressalta-se que a entrevistada Ana Santa nasceu em Buíque/PE e seus avós nasceram em Serra Talhada/PE, terra natal de Lampião. Assim, se torna possível dissertar que as histórias sobre esse personagem se tornaram relativamente frequentes na trajetória de vida de Ana por conta de sua origem e de seus avós. Trajetória esta que se difere das outras entrevistadas que em nenhum momento mencionaram os feitos de Virgulino.

Helena Pino e Ana Santa também relataram que ouviam as histórias do Padre Cícero e de Luiz Gonzaga, segundo Ana:

*[...] São coisas que esse Padre Cícero falou que iria acontecer, então para eles era assim que ninguém tomava uma decisão sem consultar ele [...]. Minha vó falava -Ah ô, mas o Padre Cicho falava isso, ele falava que ia acontecer isso. E uma das coisas eu lembro que ele falava que o Sul virar norte o Norte vai [...] virar sul em termos de água. Lembra quando pegou aquela chuvarada? Que lá não chove, não chove, não chovia, quantos anos sem chover que a terra ficava rachada [...]. Então, essas coisas, eles ficavam contando nessas histórias assim pra gente vê, Luiz Gonzaga, essas coisas (LIMA, 2017).*

Em mais um momento se evidencia os traços culturais e as memórias relacionadas a origem individual e familiar das entrevistadas. O Padre Cícero viveu no mesmo período de Lampião, segundo Masson (2017) “para o povo, ele sempre foi santo, o padrinho dos pobres. Para a Igreja, a figura de Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) oscilou em um curioso movimento pendular”.

Atualmente a cidade de Juazeiro do Norte/CE recebe inúmeros fiéis todos os dias oriundos de diversas partes do Brasil que procuram as bênçãos e milagres do Padre Cícero apto a se tornar santo após a reabilitação feita pelo pontífice Papa Francisco em 2015 (MASSON, 2017).

Já Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989), natural da cidade de Exu/PE eternizado em canções como “Asa Branca”, “A Vida do Viajante”, “O Xote das Meninas” e muitas outras foi “lavrador, retirante, oficial do exército, artista de rua, músico popular de sucesso, agitador cultural” (CONEJERO, 2012). Luiz Gonzaga retratava em suas músicas o cotidiano,

felicidades e angustias do nordeste brasileiro, ganhando assim, fama internacional e participando de centenas de apresentações em todo o Brasil (CONEJERO, 2012).

### Cantigas e brincadeiras de roda

As cantigas de Roda estão presentes em todo o território nacional e fazem parte do patrimônio folclórico. Essas canções possuem letras e ritmos de acordo com a cultura local e suas letras são de fácil compreensão para despertar o imaginário das crianças (GASPAR; BARBOSA, 2009). Martins (1993, p.35) afirma que as cantigas “são poesias e poemas cantados em que a linguagem verbal (o texto), a música (o som), a coreografia (o movimento) e o jogo cênico (a representação) se fundem numa única atividade lúdica”.

Sobre as cantigas e brincadeiras de roda, Helena relembrou que durante as brincadeiras na escola se cantava:

*[...] tango, tango, tango, morena é de carrapicho... Gente, como que é? E joga na lata do lixo! Tango, tango, tango morena é na lata do lixo. E jogava dentro da roda, ia aí falava o nome da pessoa ia, e essa pessoa, quando falava jogar na lata do lixo, aí entrava dentro da roda, até ver quem que sobrava né. Ai gente como que era? Sempre a gente brincou de roda, brincar de roda, e nessa época não era aquele: é esse? É esse? **Do anel.** A gente brincava muito, mas aí já, acho que a gente já tava um pouco maiorzinho. Do anel, quando, gente, **eu canto para minha neta até hoje**, só que agora me deu um branco das brincadeiras de roda, mas era sempre brincadeira de roda que a gente brincava. A gente aprendia na escola [...](PINO, 2017, grifo nosso).*

Por meio dos relatos orais de Helena é possível identificar que a entrevistada além de portadora da memória de seus traços culturais os transfere para suas futuras gerações, culminando assim em uma preservação de sua cultura e uma educação não formal. Além disto, é possível observar a menção da canção da brincadeira “Tango, Tango” ou também conhecida como “Lata do Lixo” que assim como não há um consenso em seu título, também não se encontrou registros de sua origem e autoria.

O site Recreio expõe que a letra da canção é “Tango, tango, tango, morena! É de carrapicho! Vamos jogar “fulano”, (diz-se o nome de uma criança) na lata do lixo” (RECREIO, 2013), sendo a letra repetida dezenas de vezes até o término da brincadeira, conforme apontado por Helena em seu relato.

Assim como Helena, Ana Santa também mencionou que brincava de “passa o anel” em sua infância. Medina explica que neste jogo um dos jogadores deve estar vendado enquanto outro jogador esconde o anel nas mãos dos outros participantes, devendo assim, o jogador vendado adivinhar onde está o anel. Medina ainda aborda que essa brincadeira “promove a imaginação, criatividade e atenção, e pode ser jogada em casa, no quintal, na escola, condomínio ou salão de festas” (MEDINA, 2015).

Helena também se recordou da canção “Cachorrinho”, segundo a entrevistada a cantiga se entoava com a seguinte letra:

*Cachorrinho está latindo lá no fundo do quintal, cala boca cachorrinho, deixa meu benzinho entrar, o crio lá, o crio lá, lá, o crio lá lá, não sou eu que caio lá. Meu potinho de melado, meu cestinho de cajá, quem quiser casar comigo fecha a porta e venha aca (PINO, 2017).*

A canção possui algumas variações e adaptações, pois segundo Mônica (2001, p.21) o folclore é um “elemento dinâmico da cultura, modifica-se e se transforma de região a região, de acordo com os meios e sua funcionalidade”. No site Catraquinha é apresentada uma versão que altera a última frase inserindo o trecho “atirei um cravo n’água de pesado foi ao fundo, os peixinhos responderam, viva D. Pedro Segundo” (CATRACA LIVRE, 2016). Já outros sites alteram a frase “o crio lá, o crio lá, lá”, por “osquindô, lê lê. Osquindô lê lê lá lá. Osquindô lê lê. Não sou eu que caio lá!” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011).

Maria das Dores, Helena e Eleonice evocaram que durante sua infância a brincadeira que mais brincavam em roda era “ciranda cirandinha”. Araújo (2018) afirma que “as cantigas hoje conhecidas no Brasil têm origem europeia, mais especificamente de Portugal e Espanha”, e também exemplifica que a letra comumente utilizada para a canção “Ciranda Cirandinha” é: “Ciranda Cirandinha. Vamos todos cirandar. Vamos dar a meia volta. Volta e meia vamos dar. O Anel que tu me destes. Era vidro e se quebrou. O amor que tu me tinhas. Era pouco e se acabou!” (ARAÚJO, 2018).

Helena também se recordou de outras duas canções, a primeira, conforme cantarolado pela entrevistada é “*Teresinha de Jesus, deu a queda foi o chão, o primeiro... Que é o pai e o irmão... O primeiro foi aquele que te deu a mão, o terceiro [...]*” (PINO, 2017). A versão frequentemente ensinada da canção “Teresinha de Jesus” é:

Terezinha de Jesus deu uma queda foi ao chão. Acudiram três cavalheiros todos de chapéu na mão. O primeiro foi seu pai, o segundo seu irmão, o terceiro foi aquele que a Tereza deu a mão. Terezinha levantou-se. Levantou-se lá do chão, e sorrindo disse ao noivo: - Eu te dou meu coração. Dá laranja quero um gomo, do limão quero um pedaço, da morena mais bonita, quero um beijo e um abraço (ARAÚJO, 2018).

Por fim, a entrevistada mencionou que canta para sua neta a canção “Se essa rua fosse minha”. Segundo Helena “*quando minha neta vem, ela vai embora, ela sabe cantar, aquela uma assim: se essa rua, se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava, eu mandava, ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes, para o meu, para o meu passar [...]*” (PINO, 2017).

Essas cantigas e brincadeiras de rodas, conforme observado, aparecem com maior clareza em alguns relatos orais do que em outros, algumas entrevistadas se lembram de mais detalhes e tipos de canções do que outras, mas, pode-se observar que o cunho cultural e geracional está e esteve presente em suas trajetórias de vida.

Haetinger (2005, p.130) explana que “as brincadeiras são uma forma de expressão cultural e um modo de interagir com diferentes objetos de conhecimento implicando no processo de aprendizagem”. Portanto, entender e evidenciar as expressões culturais dessas assentadas, por meio das brincadeiras, brinquedos, mitos, lendas, cantigas e histórias, é reafirmar que o patrimônio cultural dos assentamentos de reforma agrária estão além de seus barracos de lona.

## Considerações Finais

De fato, não se pode resgatar a cultura de um povo dos mesmos moldes que foi um dia, pois a cultura é um elemento mutável, assim como define Assis e Nepocemo (2008, p.7) ao dizer que “a cultura é mutável, adapta-se ao novo. Transforma-se, tanto porque os indivíduos, interagindo, promovem as mudanças, quanto porque a sociedade evolui, progride, avança”. Portanto não podemos resgatar a cultura, mas sim reconstruir buscando ao máximo

se aproximar ao passado, mas sem desconsiderar seus avanços e evoluções, pois esses percursos foram e são importantes para entender a cultura de um povo.

Nesse intuito de buscar uma possível interpretação dos traços culturais, nós objetivamos reconstruir, evidenciar e disseminar os traços e expressões culturais dos assentados do município de Rosana/SP, por meio de suas memórias de origem e trajetória.

Os portadores dessas memórias possuem trajetórias longas, de lutas, conquistas, derrotas, perdas, desigualdades e mudanças. Trajetórias que começaram em diversas partes do país, como Pernambuco, Ceará, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, entre outros, e se reuniram nos assentamentos de Rosana/SP.

Evidenciar seus traços culturais é ir contra ao que a mídia de massa construiu no imaginário da população brasileira sobre os assentamentos de reforma agrária. É desmistificar esses paradigmas e disseminar seu patrimônio cultural, seja pelos seus objetos do cotidiano, brincadeiras, brinquedos, histórias, cantigas, mitos, lendas, saberes, fazeres, falares e etc.

Neste artigo pode-se evidenciar e reconstruir por meio da memória das entrevistadas doze brincadeiras e brinquedos, sendo essas: Boneca de Sabugo de Milho; Boneca de Porcelana; Boneca de Pano; Boneca de Massa; Carrinho de Lata; Bets; Biroca; Balança Caixão; Peteca; Animais com Maxixe; Passa Anel e o Telefone sem fio.

Quanto as lendas e mitos evidenciamos a Caipora e Lobisomem, mas observou-se que houveram outros personagens que estiveram presentes no passado das entrevistadas, como Lampião, Luiz Gonzaga e o Padre Cícero. Já sobre as cantigas e brincadeiras de roda discorremos sobre: Ciranda Cirandinha; Teresinha de Jesus; Tango, Tango; Se essa rua fosse minha e o Cachorrinho está latindo.

Esse patrimônio cultural caracteriza as assentadas entrevistadas enquanto sua individualidade e auxiliam na compreensão coletiva dos assentamentos que as mesmas pertencem, para que assim, possamos preservar e disseminar esse patrimônio por meio do turismo cultural com a implantação do futuro Museu do Assentado.

## Referências

- AMADO, J. **Universo dos brinquedos populares**. 2. ed. Coimbra: Quarteto, 2007. p. 74
- ARAUJO, A. M. **Folclore nacional II: danças, recreação e música**. 3. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2004.
- ARAUJO, A. P. de. **Cantigas de Roda**. InfoEscola. Disponível em <<https://www.infoescola.com/folclore/cantigas-de-roda/>> Acesso em: 20 jan. 2018.
- ASSIS, C. L.; NEPOCEMO, C. M. **Estudos contemporâneos de cultura**. Campina Grande/PB: UEPB/UFRN, 2008.
- ATZINGEN, M. C. V. **História do Brinquedo: para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem**. 2º ed. São Paulo/SP: Alegro, 2001. p. 146-147.
- BARBOSA, M. das D. **Entrevista com Maria das Dores Barbosa cedida a Leonardo Giovane M. Gonçalves**. Bonanza-Rosana/SP, 20 jun. 2016.

BARCELOS, M. C. **Boneca de pano.** 2016. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/quemquerbrincar/wp-content/uploads/2016/06/Boneca-de-pano-1.pdf>> Acesso em: 11 jan. 2018.

BARONE, L. A.; MELAZZO, E. S.; SILVA, A. A. **Célula do Pontal do Paranapanema-SP:** Acompanhamento e informação para o desenvolvimento rural. Presidente Prudente: UNESP, FATEC, 2011.

CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo.** São Paulo/SP: Editora Brasiliense, 1982.

CARNEIRO, L. P. M. **Proposta de implantação de dois roteiros turísticos no assentamento Nova Pontal, em Rosana, SP:** análise das limitações e possíveis soluções. 2007. Monografia (apresentada ao final do curso de graduação em Turismo) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Experimental de Rosana, Rosana/SP.

CATRACA LIVRE. **45 cantigas folclóricas para brincar de roda com as crianças.** Catraquinha, 2016. Disponível em <<https://catraquinha.catracalivre.com.br/geral/aprender/indicacao/45-cantigas-folcloricas-para-brincar-de-roda-com-as-criancas/>> Acesso em: 19 jan. 2018.

CONEJERO, L. **Gonzagão:** uma história de raça, da lágrima e do suor. Carta Capital, 2012. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/gonzagao-uma-historia-de-raca-da-lagrima-e-do-suor>> Acesso em: 19 jan. 2018

CRUZ, P. M. **Restauração e agroecologia:** é possível? Estudo de viabilidade no assentamento Nova do Pontal com base na permacultura. 2008. Monografia (apresentada ao final do curso de graduação em Turismo) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Experimental de Rosana, Rosana/SP.

FERNANDES, B. M.; RAMALHO, C. B. Luta pela posse de terra e desenvolvimento rural no Pontal do Paranapanema. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo/SP, v. 15, n. 43, set-dez, 2001.

FOLCLORE. **Brincadeiras populares:** balança caixão. Projeto de Ensino, 2013. Disponível em <<http://projetoensino.azurewebsites.net/2013-1-e-1/centro-oeste/brincadeiras-populares/balanca-caixao/>> Acesso em: 11 jan. 2018.

FOLHA. **Balança caixão.** Mapa do Brincar. Mapa do brincar, 2011. Disponível em <<http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/esconder/284-balanca-caixao>> Acesso em: 11 jan. 2018.

FREITAS, P. O. **Publicidade em televisão para o “dia das crianças”:** questionando a ideologia da necessidade. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa/MG. Viçosa, 2001.

GASPAR, L.; BARBOSA, V. **Jogos e brincadeiras infantis populares.** Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: < [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=372](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=372) >. Acesso em: 13 jan. 2018.

GOMES, K.; HACKMAYER, M.; PRIMO, V. **Lampião, Virgulino e o mito: 70 anos do fim do cangaço**. Eclética, 2007. Disponível em <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/4%20-%20lampiao,%20virgulino%20e%20o%20mito.pdf>> Acesso em: 19 jan. 2018.

GONÇALVES, L. G. M.; THOMAZ, R. C. C. Brincadeiras e brinquedos que tive um dia: O Museu do Assentado no município de Rosana/SP. In: TOLENTINO, Á. B.; BRAGA, E. O. (Org.). **Caderno de Educação Patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. João Pessoa/PB: IPHAN- PB, Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016, v. 5, p. 132-144.

GONÇALVES, L. G. M.; THOMAZ, R. C. C. O recordar como sentido de existir: o futuro museu do assentado e as marcas da reforma agrária no município de Rosana/SP. **Revista Geográfica Acadêmica**, v.11, n.2, 2017. p.143-156.

HAETINGER, M. G. **O universo criativo da criança na educação**. 2. ed. Porto Alegre/RS: Instituto Criar, 2005.

HORTA, C. F. de M. M. (coord.) **O grande livro do folclore**. Belo Horizonte/MG: Editora Leitura, 2004.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo/SP: Perspectiva, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

IOKOI, Z. M. G. et al. **Vozes da terra: histórias de vida dos assentados rurais de São Paulo**. São Paulo/SP: Fundação Itesp, 2005.

ITESP. **Situação quanto à localização municipal**. Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo. Disponível em <<http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/assentamentos.aspx>> Acesso em: 22 jan. 2018.

LANG, A. B. da S. G. Trilhas de pesquisa, convicções e diversidades. In: SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. (Org.). **Depois da utopia: A história oral em seu tempo**. São Paulo/SP: Letra e Voz, 2013. p. 71-80.

LEITE, J. F. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo/SP: Fundação UNESP; Hacitec, 1998.

LIMA, A. S. de S. **Entrevista com Ana Santa de Sá Lima cedida a Leonardo Giovane M. Gonçalves**. Nova Pontal-Rosana/SP, 14 out. 2017.

LIMA, M. do R. de S. T. de. **Lobisomem: assombração e realidade**. 2. Ed. São Paulo/S: 2004.

MARAGON, C. **Diversão de antigamente que ainda hoje encanta**. Nova Escola, 2007. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/68/diversao-de-antigamente-que-ainda-hoje-encanta>> Acesso em: 11 jan. 2018.

MARTINS, M. A. das N. S. **Brincadeira Infantil: do imaginário ao real- aspectos cognitivos e sociais**. Natal/RN, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MASSON, C. **Padre Cícero, do milagre ao papa**. ISTOÉ, 2017. Disponível em <<https://istoe.com.br/532356-2/>> Acesso em: 19 jan. 2018.

MATOS, A. C. **Entrevista com Amerentina Carneiro de Matos cedida a Leonardo Giovane M. Gonçalves**. Bonanza-Rosana/SP, 20 jun. 2016.

MEDINA, V. **Passa anel: brincadeiras de criança**. Guia Infantil, 2015. Disponível em <<https://br.guiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/jogos/passa-anel-brincadeiras-de-crianca/>> Acesso em: 19 jan. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Escuta de textos orais: a canção**. Portal do Professor, 2011. Disponível em <[http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar\\_aula&aula=34364&secao=espaco&request\\_locale=es](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=34364&secao=espaco&request_locale=es)> Acesso em: 19 jan. 2018.

MONICA, L. D. **Turismo e folclore: um binômio a ser cultuado**. 2. ed. São Paulo/SP: Global, 2001.

MONTEIRO, R. F. **O lúdico nos grupos: terapêuticos, pedagógicos e organizacionais**. São Paulo/SP: Ágora, 2012.

MOTOMURA, M. Como e quando surgiu o jogo bolas de gude? **Revista Super Interessante Online**, 2002. Disponível em <<https://super.abril.com.br/saude/como-e-quando-surgiu-o-jogo-de-bolas-de-gude/>> Acesso em: 13 jan. 2018.

NASCIMENTO, E. M. da S. **Entrevista com Eleonice Maria da Silva Nascimento cedida a Leonardo Giovane M. Gonçalves**. Gleba XV de Novembro-Rosana/SP, 09 abr. 2016.

OLIVEIRA, S. L. de. **Entrevista com Sandro Luiz de Oliveira cedida a Leonardo Giovane M. Gonçalves**. ITESP, Primavera-Rosana/SP, 21 jun. 2016.

PAIÃO, J. D. **Terras devolutas no Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente/SP: Faculdades Integradas, 2001.

PIMENTEL, A. E. E. **Assentamento de reforma agrária na região do Pontal do Paranapanema e seus impactos econômicos e sociais**. São Carlos/SP: UfsCar, 2005.

PINO, H. F. de C. **Entrevista com Helena Francisca de Carvalho Pino cedida a Leonardo Giovane M. Gonçalves**. Nova Pontal-Rosana/SP, 25 ago. 2017.

RECREIO. **Tango, tango**. Recreio: berçário e educação infantil, 2013. Disponível em <<http://www.escolarecreio.com.br/tango-tango/>> Acesso em: 19 jan. 2018.

SANTOS, T. M. **Lendas e mitos do Brasil**. São Paulo/SP: Editora Nacional, 1994.

SILVA, M. J. da. **Entrevista com Maria Jesus da Silva cedida a Leonardo Giovane M. Gonçalves**. Gleba XV de Novembro-Rosana/SP, 02 abr. 2016.

SILVA, T. A. da C.; GONÇALVES, K. G. F. **Manual de lazer e recreação: o mundo lúdico ao alcance de todos**. São Paulo/SP: Phorte, 2010.

SILVA, U. G. da. *et al.* **Brincadeiras de muitos tempos e lugares: em busca das memórias dos profissionais da educação da creche central e da escola de aplicação da Universidade de São Paulo**. São Paulo/SP: Ed. do Autor, 2014.

SOBREIRO FILHO, J. **O movimento em pedaços e os pedaços em movimento: da ocupação do Pontal do Paranapanema á dissensão nos movimentos socioterritoriais camponeses**. Presidente Prudente/SP: 2013.

SOUSA, A. V.; SANTOS, T. M. dos. **As crenças populares do interior da Bahia presentes em Memorial do inferno**. Universidade Estadual de Feira de Santana, Campus Avançado de Santo Amaro/BA: 2006.

TAVARES, J. de F. **Direito da Infância e da Juventude**. Belo Horizonte/MG: Del Rey, 2001.

THOMAZ, R. C. C. **Turismo, políticas e dinâmicas no meio rural: uma contribuição ao desenvolvimento local/Rosana/SP**. UNESP. Rosana/SP: Projeto de Pesquisa, 2013.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1992.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo/SP: Icone, 1988.

Artigo recebido em 30-01-2018

Artigo aceito para publicação em 29-05-2018